

Para uma maior expansão de "SOL NASCENTE"

São numerosas as cartas dos leitores nesta redacção recebidas, dando-nos conta da satisfação por todos sentida com os melhoramentos e progressos número a número verificados na nossa publicação. Todas essas cartas reflectem um entusiasmo amistoso e são prova certa de que "Sol Nascente" deixa de ser, lentamente, obra esforçada de uns poucos para se tornar resultado de uma conjugação de vontades dispersas. E' precisamente isto que nós tentamos; dar ao público a consciência de que elle é participante activo do nosso trabalho, e que tôdas as nossas canseiras vjsam, sôbretudo, a interpretar com fidelidade o espectáculo, interessante e notável, da vida intelectual portugueza, que—a despeito

das deficiencias da sua preparação, por tôdos reconhecida—precisa de revelar os problemas que a ocupam e de falar, insistente e entusiasmada, do humanismo sincero que a informa.

A Imprensa, a propósito da apresentação do nosso número anterior, tambem se mostrou acolhedora, demonstrando com as suas referencias largas a simpatia que lhe merece "Sol Nascente". Agradecemos, pois, a "O Primeiro de Janeiro", "O Trabalho", "O Desforço", "Noticias de Guimarães", "Brados do Alentejo", "Jornal de Ilhavo", etc., etc., as noticias pelas quais fazem uma honesta propaganda da nossa actividade.

Tambem nos têm sido enviadas listas de assinantes do Porto, Lisboa,

Moncôrvo, Vila Real de Santo António, Setúbal, S. Bartolomeu de Messines, S. Tiago de Cacem, Portimão, Lamego, Baião, Paredes, etc., etc., ficando aqui, nestas palavras, a expressão do nosso reconhecimento e até do aplauso veemente à dedicação dos nossos amigos. Que todos os préstimos são precisos **para uma maior expansão de SOL NASCENTE** sabem os nossos leitores e, assim, esperamos ainda e sempre **boas vontades, dedicações, a alegria de sentir no público a base e garantia certa da vida da publicação, triunfante no meio das dificuldades de ordem material e financeir. !!**

A CRISE EUROPEIA

(Continuação da página três)

o Estandarte esquizoide que paira acima dos Credos:—através já de séculos sem fim

O «Ideal» é terrível, catastrófico, quando não tem a compreensão tolerante do Real: pois é elle que conduz precisamente aos «monstros humanos por humanidade». Esse Ideal, assim desarticulado, em poesias geladas de esquizoídismo, é bem mais terrível do que o ceticismo, do que o próprio nihilismo:—porque éstes atenuados da compreensão complacent», podem ser benéficos á humanidade em desvario.

Poetas, metafísicos, místicos e heróis:—são muitas vezes monstros morais, elementos tóxicos de humanidade aberrações delirantes:—o seu «Autismo» opõe-se ferozmente—e qualquer que seja a sua máscara humanitária—ao «profanum vulgus». São todos—sem excepção—aristocratizantes, congelados na distancia da sua Morgue indifferente; constituem uma oligarquia natural, psico-somática, a oligarquia do «Estetismo». São monstros por «estetismo», são monstros por humanitarismo, são monstros por autismo, e até por sexualismo:—e constituem uma das chagas históricas da humanidade. São os tiranos do Ideal, da Forma, da Ideia e do Sistema, da Arte e da Beleza, com B grande; são a Requinçada Volúpia da Tirania esquizotímica...

Pululam como cogumelos venenosos nos momentos turvos; e aqui mesmo, neste ram-ram sonolento e caseiro

os encontramos. E' o Poeta da Mistica, o Poeta da Lágrima, o Poeta da Forma; é o Místico da Verdade, o Místico da Mentira, e o Místico da Volúpia:—é toda a coorte dos esquizoídes em poesia de autismo paroxístico:—é a incompleta incompreensão esquizoide do Homem, da Humanidade e da Vida.

«Odi profanum vulgus!»

—Mas, dirá ainda o leitor, se o esquizoide mais fanático, o místico tenebroso, o feroz moralista e até o «monstro por humanidade», não é mais do que uma determinação do seu próprio temperamento, e actua em função do seu tipo bio-somático, não tem porventura elle outra coisa a fazer, na sua actuação social, senão cruzar os braços e deixar-se seguir no fluxo de si próprio?

—Não, porque lhe deve ser applicado o que acima dissemos:—Todo o esforço humano se dirige à «consciência» de si próprio, todo o esforço da humanidade à «consciência» da humanidade. Assim o esquizotímico se deve esforçar por entrar na consciencia do carácter do seu tipo, e da actuação que dela resulta: para se esforçar nos limites do possível, por corrigir as arestas demasiado rígidas deixando correr em pleno fluxo o que é útil e bom. A esquizotímia é uma força que é preciso domar, orientar—e não suprimir.

O critério dominante ainda hoje nas ideologias sociais é o Imperativo

categórico, que tenta impôr-se ao Real sem atender às condições limitantes que esse Real opõe aos desejos e ambições desses ideais. Esse critério tende, como sempre, a substituir a vida e sua mecânica por outros sistemas; a suprimir o Mal, a tudo reduzir ao seu Bem ideal, abstracto e formal. Ora o possível condicionado pelo real, consiste não em impôr às coisas os esquemas rígidos da ideação humana, mas no conhecimento das forças em jôgo e dos fenómenos, para os canalizar, segundo a sua própria determinação, no sentido de um maior Bem, sempre relativo. Assim devemos aproveitar o dinamismo esquizotímico, limitando-o e orientando-o; o próprio esquizoide, se souber erguer-se à compreensão do seu próprio esquizoídismo poderá, dentro de certos limites—os limites que lhe são impostos pela condição das coisas—contribuir para esse desiderato. O que é grave não é o esquizoídismo social, mas a inconsciência do seu carácter e consequências: porque até o «monstro por humanidade» se ilude, e é sincero:—Ilusão e sinceridade, que são o exponencial da sua inconsciência:—inconsciência que é causa da sua acção nefasta.

O valor moral da caracterologia—como de toda a ciência—consiste precisamente em ser um auxiliar precioso nesta progressão do homem na aquisição de uma mais perfeita consciencia de si próprio, da vida social e da história:—e essa progressão é o

único meio de uma correspondente progressão moral.

A ideia de que a compreensão científica do mecanismo do homem, da vida e da história, conduz a uma prisão, a uma «mecanização» do homem, assim transformado em «marionette», é perfeitamente errônea e apenas revela uma insufficiente compreensão filosófica e pragmática dos factos:—porque, precisamente, o conhecimento dos fenómenos e leis, se por um lado conduz à mecanização, conduz, «ipso-facto» à «consciência» intelligente dessa mecanização e, portanto, tal conhecimento é simultaneamente uma mecanização do homem, da vida e da história, e uma desmecanização, ou supra-mecanização, por que o póe automaticamente em plano superior sob o ponto de vista da sua consciencia. E por ela o homem se eleva acima de si mesmo, da vida e da história, acima do momento social correspondente:—e dessa altura pode então abarcar a possibilidade de novos e mais largos horizontes, de um novo mundo moral e social.

O neutralizante natural da esquizotímia é a ciclotímia: mas isso não impede que o esquizotímico elle próprio se eleve à consciencia da forma e resultados da sua actuação social, como de resto o ciclotímico. Dessa forma esquizotímia e ciclotímia passam de forças inconscientes em acção, à utilização consciente de forças, o que é moralmente muito diverso.